

**ANEXO 4.9.****QUADRO – Grelha de análise de conteúdo: entrevista semiestruturada**

<b>A) Dimensão: O Ensino da Música em Regime Articulado no Conservatório do Vale do Sousa</b>		
<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Unidades de sentido</b>
1. Funcionamento e Relação	1.1. Problemas/ dificuldades	<p>* (...) eu, sinceramente, da experiência que tenho, não me parece que haja problemas no funcionamento do regime articulado, pelo menos para as nossas escolas. Havia algumas dificuldades na articulação dos horários, mas isso (...) ao longo do tempo foi sempre facilmente superado. Portanto, parece-me que isso não é um problema do ponto de vista de gestão das escolas públicas (DEEG, p. 1).</p> <p>*No meu ponto de vista (...) não tem problemas, quer dizer, não causa problemas às escolas públicas, não estou a dizer que não tem problemas... há problemas mas não tanto, agora, a simples existência do regime articulado e funcionamento dele nas escolas públicas, da experiência que tenho, nunca causou problemas (DEEG, p. 2).</p> <p>*Outros problemas que podem surgir é por exemplo... a falta de formação que existe nas escolas públicas que coadune e possa existir esse intercambio com as escolas do ensino articulado (DEEG, p. 2).</p> <p>* (...) é a elevada procura que temos deste regime de frequência. É muito grande a procura e nós não conseguimos fazer face a todas as crianças que querem vir para cá estudar (DPCVS, p. 1).</p> <p>* Desde 99 que esta escola e a Associação têm vindo a apostar muito neste regime de ensino por vários motivos: pela zona em que está inserida, pelas características socioeconómicas da população e mesmo a própria distribuição geográfica (...) dá perfeitamente para criar ligações com as escolas (DPCVS, p. 2).</p> <p>* Quer física... que tentamos neste momento outras opções devido à boa articulação que temos com as escolas que é utilizar as instalações das próprias escolas para criar mais espaço e quer pela questão financeira... não tínhamos capacidade financeira para poder suportar muita gente (DPCVS, p. 6).</p>
	1.1.1. Programas	<p>* (...) os programas deviam estar feitos nas escolas públicas em articulação com as escolas do ensino articulado, e se calhar até devia haver reuniões de articulação sobre os conteúdos... (DEEG, p. 2).</p> <p>* (...) nós tivemos aqui muito tempo alunos que frequentaram os dois sistemas, mas alguns pediram e podiam ter a tal dispensa, portanto não é simultânea a frequência (DEEG, p. 4).</p>
	1.2. Perspetivas dos alunos	<p>* No meu entendimento é porque predominantemente quer seguir o ensino da música (...), quer ser músico profissional ou quer ser professor de música... Portanto, é uma via na qual profissionalmente aposta muito, na minha perspetiva é isso (DEEG, p.4).</p> <p>* Mas eu pensei que era. (...) também há outra parte que penso que será para enriquecimento curricular... (DEEG, p. 5).</p> <p>[a oferta do ensino genérico] Acho que é insuficiente. Manifestamente insuficiente... (DEEG, p. 5).</p> <p>*Eu pensava que a maior parte que era, exatamente, porque em termos profissionais pensavam um dia exercer (DEEG, p. 5).</p> <p>* Não, não... eles não querem seguir todos música com certeza... Não querem e (...) não acredito que haja alguém que venha para aqui, salva uma exceção ou outra, que venha com ideias de seguir música (DPCVS, p. 4).</p> <p>*(...) nós temos aqui todo o tipo de meninos. Miúdos que querem vir por vontade própria, muitos que vêm porque os pais querem que eles venham, porque são pais atentos... Há muitos pais que querem por aqui os meninos porque acham que a música faz bem., que é um remédio (...) para que tirem boas notas. [...] eles vêm para aqui com muitas perspetivas... (DPCVS, p. 7).</p> <p>*(...) poderá haver um caso ou outro que vem (...) já com uma ideia definida do que quer... (DPCVS, p. 7).</p> <p>* Não é uma questão de não ter vocação, eles não vieram porque na altura não se sentiram motivados ou com vontade de vir (DPCVS, p. 27).</p>
	1.3. Oferta formativa	<p>* Eu penso que ela é premente,... nós temos que estar atentos à evolução da sociedade, não temos que estar agarrados ao passado; (...) o que a nossa sociedade precisa é ter conhecimentos, obviamente, do que é a música clássica, música erudita, mas todos os dias somos bombardeados pela necessidade de praticar, de conhecer, de saber tocar, de cantar as músicas atuais: Pop/Rock, e um pouco se calhar de instrumentos tradicionais nossos (DEEG, p. 6).</p> <p>*Eu (...) acho que no nível básico não deve haver muita dispersão de coisas, (...) porque no fundo se está num nível básico, independentemente de poder introduzir instrumentos novos (...), no que se dá num básico é a formação no fundo que deveria ser comum a todos. [...] fazia mais sentido mais tarde, mas a base (...) deveria ser comum a todos porque é o que vai</p>

1. Funcionamento e Relação (Continuação)	1.4. Relação dos agentes envolvidos	<p>dar (...) uma boa estabilidade (...) para depois poder diversificar (DPCVS, p. 8).</p> <p>*[Diversificação aconteceria após a escolha vocacional] Sim, numa primeira abordagem... (...) porque até ao 5º grau não sabem o que querem seguir. [...] tens o menino e ele quando vem para cá não sabe se quer... ele tem que ter esse tempo para descobrir as coisas. [...] Tu podes ter ofertas formativas de outra forma, tipo opções, (...) mas a base para mim deveria ser comum a toda a gente (DPCVS, pp.8- 9).</p> <p>*Uma estrutura igual a toda a gente. Porque eles não sabem (...) e não és tu que vais (...) olhar para um aluno com dez anos ou onze e perceber se ele quer ir para ali ou quer ir para acolá... (DPCVS, p. 9).</p> <p>* [Opções certificadas] Por exemplo... ou não, ou estar constantes (...) no projeto educativo... [...]até como há às vezes aqueles clubes nas escolas, ... [certificação] (...) isso no complementar. Mas estamos a falar em coisas extra, pelo que nos pudesse mostrar o que há e depois (...) essa oferta poderia ser mais variada mais tarde, (...) nunca antes (DPCVS, pp. 10-11).</p> <p>* (...) não se sente por parte da escola pública (...) nenhum tipo de afronta, nenhum tipo de competição, nenhum tipo de quezília entre eles... O que se sente é que cada um, digamos, faz o seu trabalho, cada um trabalha para o organismo do qual depende sem haver praticamente grande interferência (DEEG, p. 7).</p> <p>* (...) nem há aceitação nem há ... discriminação, não, não há. (...) há interação entre uns e outros, vive-se, digamos, normalmente, uns fazem o trabalho num lado, outros fazem o trabalho no outro, sem haver aquele intercâmbio que do meu ponto de vista devia existir (DEEG, p. 7).</p> <p>* (...) no início (...) era um bocadinho lutar contra a maré, não pela parte dos professores que iam daqui, não eram bem recebidos em lado nenhum., foi quase lutar contra todas as marés (DPCVS, p. 2).</p> <p>* Nós temos aqui muita diversidade em relação a isso... Temos professores aqui que fazem uma ponte muito sólida entre as duas escolas; que se integram lá e aqui, como há professores que não se integram; que vão lá mas com o pé atrás, que acham que são (...) diferentes (...) e no fundo somos todos professores (DPCVS, pp. 11-12).</p> <p>(...) nós no início fomos muito «Oh! Vem aquela gente que parece uns extraterrestres, vem aqui estragar o nosso sistema»; mas também da nossa parte «Oh! Fogo vou para lá, oh pah, poça pah...» (...) daqui também não nos apetecia muito... (DPCVS, p. 13).</p> <p>* Estão mais contornadas mas continua a haver diferenças... (...) a Área de Projeto (...) e a opção que nós tivemos de colocar o par pedagógico (...) um professor de cá e um professor de lá, isso veio privilegiar as relações... (DPCVS, pp. 13-14).</p>
--	--	---

B) Dimensão: Escolas do Ensino Básico e Secundário		
Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
1. Ensino Vocacional/ Ensino Genérico	1.1. Relação dos agentes envolvidos/ abertura/ conhecimento	<p>* Vê-se da mesma maneira... [os professores do ensino da música] (DEEG, p. 8).</p> <p>* (...) [há uma certa abertura] Aqui sentiu-se... (DEEG, p. 8).</p> <p>* [O envolvimento dos professores neste processo] É pouco... a não ser o professor de música (...) e um ou dois de Educação Musical (...), os outros, (...) vão trabalhando fora desse contexto (DEEG, p. 9).</p> <p>* [E a necessidade de conhecimento] Não se nota muito essa necessidade... a não ser um ou outro diretor de turma que (...) precisa devido às suas funções de diretor... (DEEG, p. 9).</p> <p>* Eu acho que era [importante conhecer]. Para ele saber (...) que os alunos (...) têm esta ou aquela possibilidade, para pode-los informar (...) no momento em que tomam opções, no momento em que querem seguir determinado caminho da sua vida estudantil, acho que era importante que soubessem... (DEEG, pp. 9-10).</p> <p>* Não, não sabem... (DEEG, p. 10).</p> <p>* Sim... como agiam, eles quase que tentavam convencer os pais e toda a gente que isto não prestava para nada, que eram prejudicados por andarem na música, (...) e ainda de vez em quando vê-se um caso ou outro que diz isso mas já não é prática comum. A partir de uma determinada altura (...) começamos a ser bem vindos, começou a haver uma articulação melhor (DPCVS, pp. 14-15).</p> <p>[Esta situação está mais dissipada] Está, está porque (...) nesses casos eles próprios queriam esta articulação. [...] eles próprios a nível disso estavam muito entusiasmados, havia professores que eram os Diretores de Turma «Ih pah vejam lá quem é que vem para cá (...) porque isto é fixe e trabalhar com vocês... (DPCVS pp. 16- 17).</p> <p>* (...) a legislação às vezes parece-me que não estão muito por dentro... [...] ainda este ano tivemos o caso de professores a dizer «Ai, porque eles são prejudicados porque têm menos Português e História...» e isso não é verdade (DPCVS, p. 18).</p>
	1.2. Interesse desta oferta formativa/ diversificação	<p>* Eu acho que esse interesse...eu não sei se ele é sentido pela população docente, pela população estudantil ou pela comunidade dos pais... [...] a partir da direção acho que há interesse e que é muito importante. [...] portanto tínhamos interesse e achamos que era uma grande vantagem para nós e para os nossos alunos... (DEEG, p. 10).</p> <p>* É uma mais valia... (DEEG, p. 11).</p> <p>* (...) o modelo de ensino [da música no genérico] é muito fechado, resume-se a uma disciplina que existe naquela hora bem definida... (DEEG, p. 20).</p>

1. Ensino Vocacional/ Ensino Genérico (Continuação)		<p>*[Ministrar instrumentos nesta escola] Isso só havia vantagens... eu só via vantagens, nas tais atividades de complemento curricular... (DEEG, p. 20).</p> <p>* Cursos oficiais? Eu já... pronto não estou a dizer, os professores do articulado virem cá mas aí era ainda melhor... isso era ouro sobre azul (DEEG, p. 20).</p> <p>* Na minha perspectiva? É perfeitamente possível, e só depende da vontade de quem decide [...] quem decide (...) não é quem está no órgão de gestão (DEEG, pp. 20-21).</p> <p>* (...) se tivesse aquilo que se chama autonomia (...) uma das coisas que fazia era promover um protocolo com uma escola de ensino articulado e fomentar cursos ativos numa escola de ensino público para que os alunos frequentassem estas aulas... (DEEG, p. 21).</p> <p>* Poderíamos ter (...) duas vertentes: uma (...) meramente facultativa para aqueles alunos que quisessem só (...) tomar contacto com a música; há alunos, (...) que podiam querer só tomar contacto pronto... só que depois, ao fim de algum tempo, gostam não gostam, se gostam continuam, se não gostam deixam...; e poderíamos ter também outra vertente (...) mesmo já de frequência, de um curso para a vida, para o futuro, para se quisessem chegar (...) ao final do ensino básico poderem optar por uma via, (...) assim como optam alunos nossos para ir para um curso profissional porque não um curso profissional da música... ? (DEEG, pp. 21-22).</p> <p>* (...) eu sou completamente contra essa enclausura que existe (...) de fechar o ensino da música à música clássica e erudita (...), eu penso que tínhamos tudo a ganhar em abrir ao Pop, ao Rock, à música popular, aos instrumentos tradicionais, que há tantos no nosso país... eu acho que devia-se diversificar muito mais (DEEG, p. 22).</p> <p>* Eu acho que há muito quem queira aprender (...) o problema é que há pouco onde se aprenda porque há pouco quem ensine... (DEEG, p. 22).</p> <p>* Tem muito interesse (...) [no Projeto Educativo] da escola secundária está como uma das metas deles, na oferta educativa manter o ensino articulado. [...] Este interesse, nota-se já um empenho das próprias escolas em terem alunos do articulado. [...] Era uma mais valia para todas as escolas (DPCVS, p. 19).</p> <p>* (...) eles reconhecem (...) como uma mais valia (...) quer pelos bons resultados dos meninos, quer lá na escola, aqui, quer pelas coisas boas que fazem a nível musical (DPCVS, p. 20).</p> <p>* O que tu estavas a dizer era da Educação Musical lá se poder desenvolver em alguns instrumentos... [...] Isso é perigoso para a nossa escola (DPCVS, pp. 28-29).</p> <p>* (...) estou a falar da organização das coisas (...) a nível de estabilidade do corpo docente (...) tu se calhar fazias isso porque a guitarra é um instrumento muito procurado e bateria (...) mas depois outros instrumentos iam-se à vida (DPCVS, p. 29).</p> <p>[... instrumentos que este tipo de escola não contemplasse... por exemplo, os instrumentos populares portugueses...] É, assim não consigo dizer nada... (DPCVS, p. 30).</p> <p>* Tu ao fazeres isso estavas a criar uma escola em paralelo... [...] depois esta escola faz sentido (...) a partir daqui? Só? (Complementar). [...] isso aí vai fazer isto, que depois eles vão ver aí é mais barato e tudo mais e isto acaba (DPCVS, pp. 32-33).</p> <p>* (...) se tu deres aulas a 4 alunos ou 5 fica-te muito mais barato do que deres a 2 ou a 1. Ou a 3 h a dois alunos. (...) Só que isso depois já não é... acaba-se com isto, o ensino especializado... (DPCVS, p. 34).</p> <p>* A base ainda está muito grande, isto é muito pequeno (Complementar) (DPCVS, p. 39).</p>
1.3. Escolas de referência		<p>* Na minha perspectiva credibilidade... não sei se foi maior se foi menor, (...) parece-me é que surgiram mais dificuldades... (DEEG, p. 11).</p> <p>* (...) alunos que até agora podiam frequentar o regime de ensino articulado e porque estão condicionados à frequência dessas escolas de referência, obviamente, não frequentam o ensino articulado; (...) se um aluno que morava aqui entre 500 metros/1Km ou 2, podia facilmente frequentar esta escola e depois frequentar uma escola de ensino articulado, agora tem uma escola de referência que já fica a 4/5 Km, em muitas situações e não só por razões económicas, (...) em muitas situações já não frequentam esse regime articulado, então só veio criar dificuldades, não vi vantagens nenhuma nisto (DEEG, pp. 11-12).</p> <p>* Eu não acho que pudessem ser comprometidas as articulações pedagógicas, acho que se abria maiores possibilidades de alunos frequentarem este ensino articulado do que aquelas que de facto existem (DEEG, p. 12).</p> <p>* (...) não vejo necessidade de criar escolas de referência e impedir os alunos, ou se não é impedir pelo menos obrigar os alunos a estar fora da sua zona geográfica para frequentar essas escolas. (...) isso é um constrangimento para a frequência do ensino articulado para muitos alunos (DEEG, p. 13).</p> <p>É o caso daqui de alunos, de pais [que dizem] (...) «ah! Então nesse caso não posso ir porque aqui era entre 500 metros 1Km/2Km e assim a 5/6Km não tenho condições para ir levar todos os dias, trazer o meu filho a essa escola, portanto deixa de frequentar e ponto final» (p. 13).</p> <p>* Outra coisa que veio entretanto dificultar, antes era mais fácil no sentido em que era permitido um aluno estar inscrito no ensino articulado e poder escolher a escola onde quisesse frequentar, neste momento não é. Neste momento há mais regras... (DPCVS, p. 2).</p> <p>* Sim, trouxe mais, mais credibilidade... [...] no fundo isto veio pôr no papel uma coisa que já era. No nosso caso... (DPCVS, p. 22).</p> <p>* Vieram dar mais credibilidade porque fez com que as próprias escolas pudessem alargar a oferta educativa. Ao fazer protocolo com uma escola de música já está a pressupor que vai haver durante um X tempo turmas dedicadas com alunos... [...] Pelo menos sabem que existe isso... dantes não sabiam (DPCVS, pp. 22-23).</p>

C) Articulações Pedagógicas		
Categorias	Subcategorias	Unidades de sentido
1. Estratégias de Entendimento	1.1. Horários/avaliação	<p>*[A presença dos professores do ensino da música nas reuniões de avaliação] (...) aqui foi encarada como uma situação perfeitamente normal, normalíssima. (...) foi sentida aqui como uma situação perfeitamente normal, é necessário, normal, (...) não estavam cá mas são alunos do ensino articulado, alguém tinha que vir cá participar na avaliação deles, portanto sem nada a estranhar (DEEG, p. 8).</p> <p>* Neste momento já são ao nível de fazer horários, de fazer turmas (...) são ao nível de eu ir às escolas trabalhar com a direção nos horários e na formação das turmas, modificações de turmas... (DPCVS, pp. 23- 24).</p>
	1.2. Passado/presente	<p>* (...) ponto número um era articular os horários para não haver uma grande sobrecarga (...) letiva dos alunos (...) e para que eles (...) possam também ter uma organização semanal do horário de forma a possibilitar os tempos de lazer, os tempos de estudo, os seus tempos com a família (...), essa organização é do meu ponto de vista fundamental (DEEG, p. 14).</p> <p>* Eu concordo (...) que nas reuniões de avaliação, e não só de avaliação, mesmo aquelas reuniões de conselho de turma no início do ano para preparar o ano letivo, devia dentro do possível serem sempre conjuntas com os professores do ensino público e os professores, ou pelo menos (...) o representante do ensino articulado (DEEG, p. 15).</p> <p>* A única coisa que me parece que melhorou um bocadinho foi o facto das reuniões de avaliação terem uma presença mais assídua do professor da escola de música, (...) porque no início (...) vinha só o papel..., vir o professor tem mais impacto. Valoriza mais a prestação do aluno no ensino articulado... (DEEG, p. 17).</p> <p>(...) é a tal transmissão do conhecimento informal que funciona, acho que tem mais impacto, acho que funciona melhor, acho que os professores do conselho de turma tomam outra consciência do que é o ensino articulado e como funciona e qual é o contributo que ele pode dar para o sucesso do aluno... (DEEG, p. 17).</p> <p>* Articulações isso é muito... (...) foi melhorando, foi melhorando (DPCVS, p. 23).</p> <p>* (...) antes nós sabíamos os horários quase na altura só quando eles saíam, agora não. Agora nós sabemos os horários antes (...) e já fizeram alterações por nosso pedido (DPCVS, p. 24).</p> <p>[... pode haver um passado e um presente diferentes nestas articulações] Completamente diferentes... mas a própria legislação também vem ajudar nisso (DPCVS, pp. 24).</p>
	1.3. Vantagens do reforço das articulações/Outras estratégias de articulação	<p>* Não sei se os alunos ganham alguma coisa com a vinda dos professores do ensino articulado... mas sei que a escola ganha em que todos trabalhem no mesmo sentido e com o mesmo rumo. (...) eu penso que (...) o diretor de turma aqui também devia pelo menos uma vez por ano fazer parte das reuniões da escola de música, (...) porque às vezes mais que o conhecimento formal, aquele que é por papéis, há aquilo que é a transmissão de conhecimento informal,... pequenos pormenores sobre comportamentos, atitudes e competências do conhecimento dos alunos que às vezes se não for nestes momentos eles nunca serão transmitidos (DEEG, pp. 15-16).</p> <p>* [é preciso uma maior proximidade dos professores] É, é... (DEEG, p. 16).</p> <p>* Eu penso que há uma faixa de alunos (...) que se insere no enriquecimento curricular, e para esses, obviamente, que há toda a vantagem nessa articulação, mas há também uma série de alunos que manifestamente não têm vocação para aquilo que é dito o ensino normal, e por isso mesmo são encaminhados para os CEFs, e para os cursos profissionais e eu penso mesmo (...) que se lhes fosse dada a oportunidade de frequentar o ensino articulado e terem essas novas visões do que é a música se calhar não perdíamos tantos alunos como perdemos. Perdíamos mas não é no sentido de sair da escola, é no sentido comportamental, atitudinal, percebe? Devia aumentar o intercâmbio entre a escola pública e o ensino articulado, devia estar mais aberta essa possibilidade a alunos que muitas vezes não têm essa possibilidade por eles próprios (...) mas o próprio órgão de gestão promover esse intercâmbio e promover essa (...) ajuda do ensino articulado (DEEG, p. 19).</p> <p>* (...) em 99, esta escola começou a apostar em ter professores daqui a dar aulas no ensino básico, com o projeto <i>Aprender ao Ritmo da Música</i> e no ensino pré-escolar com o projeto <i>Brincando Musicando</i>. (...) esses projetos (...) vieram mostrar aos alunos outras perspetivas em relação à música, porque não desfazendo a preparação que os educadores e os professores do 1º ciclo têm a respeito da Expressão Musical, (...) é diferente (...), os meninos terem essas aulas com alguém que sabe tocar... Conclusão, (...) ainda hoje (...) é daí que continua a vir um grosso dos alunos do articulado (DPCVS, pp. 3- 4).</p> <p>* (...) tentamos neste momento outras opções devido à boa articulação que temos com as escolas que é utilizar as instalações das próprias escolas para criar mais espaço... (DPCVS, p. 6).</p> <p>* (...) há outras coisas, outras articulações que se vão fazendo desde (...) participações em diversas atividades deles... (DPCVS, pp. 24- 25).</p> <p>* [(...) levar professores do ensino vocacional para a escola genérica] (...) por exemplo, oferecer (...) o Clube de Música... (DPCVS, pp. 26).</p>
	1.3.1. Proximidade	<p>* Isso aí é muito difícil (...) eu tenho a consciência que isso é muito difícil... Para já, os horários de funcionamento do ensino público e da escola de articulado são (...) dispares,... A carga horária dos professores e dos alunos dos dois é muito diferente e isso é muito difícil, (...) mas que só se tinha a ganhar com isso, isso eu penso que sim (DEEG, p. 16).</p>

1. Estratégias de Entendimento (Continuação)	1.3.2. Órgãos de Gestão	<p>* (...) se tivesse aquilo que se chama autonomia (...) uma das coisas que fazia era promover um protocolo com uma escola de ensino articulado e fomentar cursos ativos numa escola de ensino público para que os alunos frequentassem estas aulas... (DEEG, p. 21).</p> <p>* Parece-me uma boa medida... se há articulação dos alunos, deve haver articulação de funcionários docentes ou não docentes no órgão de gestão. Parece-me uma ótima ideia... (DEEG, p. 24).</p> <p>* Faz todo o sentido que os projetos educativos [tenham pontos em comum] (...) eu também não sou a favor de um projeto educativo uni agrupamental, (...) penso que no mínimo o projeto educativo devia abranger um concelho, no mínimo. (...) porque os problemas daqui deste agrupamento são os mesmos se calhar de um agrupamento adjacente, portanto (...) podia-se melhor interagir com o ensino articulado, (...) e o projeto educativo devia ser não comum mas pelo menos coincidente na maioria dos pontos (DEEG, pp. 24-25).</p> <p>* (...) se estivesse nas minhas mãos era (...) instituir nas escolas o funcionamento de (...) grupos e funcionamento de algumas competências musicais. [...] Se não fosse logo criar uma disciplina de música pelo menos criar esses grupos de aprendizagem de instrumentos e eu partiria dos populares, tradicionais... (DEEG, pp. 25-26).</p> <p>* [os professores do Conservatório ou do ensino da música (...) poder vir aqui lecionar a estes alunos um conjunto de saberes ligados à música no âmbito, por exemplo de um instrumento X] Exatamente... (DEEG, p. 26).</p> <p>* Primeiro seria na fase (...) de divulgação do conhecimento (...) porque muitas vezes a nossa comunidade estudantil (...) não aprende porque também não sabe que há para aprender... (...) não lhe é proporcionada essa oportunidade de aprender e portanto essa primeira fase era exatamente para proporcionar essa oportunidade de aprender, (...) sei lá um ano/dois era suficiente... [...] Na maior parte dos casos acho que dois anos era suficiente... (DEEG, pp. 27-28).</p> <p>* [...] então nessa segunda fase (...) entravam para aquele sistema parecido com o que é agora o funcionamento (...) do ensino articulado com conhecimentos mais profundos... (DEEG, p. 28).</p> <p>* (...) também há a questão de que participamos neste momento nos órgãos de gestão das escolas: os Conselhos Gerais (DPCVS, p. 25).</p> <p>* Traz-nos vantagens... bastantes, (...) porque nós professores daqui começamos a perceber como é que funciona uma escola lá, e é uma palavra que está lá a dizer sobre... para já sobre as coisas/decisão da própria escola (...) e eu acho que vantagens traz a toda a gente, porque estamos mais integrados (DPCVS p. 25).</p>
	1.4. Perspetivas futuras	<p>* Perspetivas... sim, há muitas ideias mas eu não vejo melhorias nessa matéria, (...) do que é emanado superiormente, não vejo grandes melhorias no funcionamento deste tipo de ensino. [...] Melhorias no sentido de haver mais abertura, de haver mais divulgação, aumento de alunos a frequentar o ensino articulado (DEEG, pp. 29-30).</p> <p>(...) apesar da crise, (...) as condições de vida têm melhorado, e atendendo a essa evolução da sociedade (...) eu penso que se houvesse uma correspondência entre a melhoria das condições de vida da sociedade e aquilo que devia ser a frequência da componente musical, acho que essa frequência não tem acompanhado a melhoria do nível de vida da sociedade.... Penso que nesta altura, atendendo ao nosso nível e à tentativa de aproximação com os pais envolvidos, devia haver já muito maior número de alunos a frequentarem o ensino articulado (DEEG, p. 30).</p> <p>(...) era preciso alargar mais... [a base da pirâmide] (DEEG, p. 31).</p> <p>Eu acredito que há muitos que não estão no conservatório, não estão no ensino articulado e têm as mesmas competências, as mesmas capacidades dos que lá estão, não têm acesso a mostrá-las,... (DEEG, p. 34).</p> <p>* (...) para melhorar (...) é preciso (...) os próprios professores terem uma abordagem diferente para com as coisas (...), porque ainda há algumas pessoas que têm um bocado aquela ideia que quem vem para aqui é só para seguir isto e que tem que ter/acabar com 19 ou com 18 e que só faz se for para tirar essa nota (DPCVS, p. 41).</p> <p>* (...) ou sou eu que tenho um pensamento muito positivo ou então tenho boas perspetivas para o futuro. Mesmo a nível de crescimento da própria escola... um dos nossos objetivos é ter um corpo docente estável que esteja aqui nesta escola de corpo e alma e que trabalhem todos no mesmo sentido. Mas (...) neste momento ainda estamos a passar por momentos um bocado instáveis porque uma pessoa nunca sabe muito bem como é que vai ser amanhã. [...] a própria reestruturação do complementar/secundário não chegou a acontecer por causa dessas coisas. (...) acho que há boas perspetivas de crescimento. Temos o caso da escola EB2/3 de Nogueira (...) que na sua construção a própria Autarquia considerou lá um espaço, uma ala, com salas para darmos lá aulas (DPCVS, p. 41- 42).</p> <p>* [Isso é um indicio do integrado] Sim, (...) seria um integrado... mas faria com que esta escola deixasse de existir e os nossos professores passassem a ser funcionários de lá... [...] Eu podia ir lá dar Saxofone. E ficar lá professora... (DPCVS, p. 43).</p> <p>* (...) não me parece no sentido em que as escolas não estão preparadas neste momento para isso e isso ia-lhes sair mais do bolso... Deve-lhes sair mais barato a nível de contrato de patrocínio e fazer estes contratos com as escolas do ensino particular, neste momento... (DPCVS, p. 45).</p>